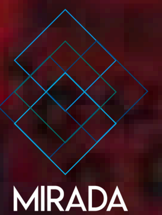
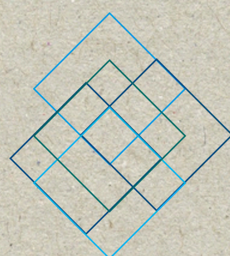
LAUDELINAS

VOL.I N°13 2023





MIRADA



EXPEDIENTE

LAUDELINAS

Volume I. Número I3.2023
ISSN 2675-6803
Mirada
Recife - Pernambuco

EDITORA CHEFE

Taciana Oliveira

DESIGNER

Taciana Oliveira

CAPA

Taciana Oliveira
intervenção digital na fotografia de Rita Lee
(reprodução Instagram)

FOTOS

Marcha das Mulheres Indígenas em Brasília: Liar Bianchini / Cobertura Colaborativa
Glória Maria - Reprodução

AGRADECIMENTOS

João Gomes da Silva - Revista Vida Secreta










#LAUDELINAS










ÍNDICE





PRA PEDIR SILÊNCIO, EU BERRO.
PRA FAZER BARULHO, EU MESMA FAÇO.

APRESENTAÇÃO

Chegamos a décima terceira edição da revista Laudelinas. Nela homenageamos Leila De Carvalho e Gonçalves (in memoriam), avaliadora número 01 na plataforma Amazon, com mais de 1,5 mil resenhas literárias publicadas. Uma atividade que exercia de forma voluntária após ser diagnosticada com colangite esclerosante primária–uma doença genética no fígado.

Em entrevista à Folha de São Paulo (08/11/2015), a resenhista declarava: "Tento evidenciar os aspectos positivos para não desestimular os leitores. Num país com tão pouca gente lendo, com tão poucos interessados em livros, você escrever 'horroroso' na avaliação não contribui em nada".

Diante da notícia de sua morte uma legião de escritores, amigos e leitores se despediram daquela que generosamente contribuiu para a divulgação de novos autores e o fomento da literatura.

E por fim não esqueçamos de Rita Lee, não esqueçamos da canção: *"*Quem pode, pode,/Deixa os acomodados que se incomodem".*

Avante, Laudelinas!

Taciana Oliveira,
editora das revistas *Laudelinas* e *Mirada*

**Jardins da Babilônia, Rita Lee e Luiz Marcucci*



Leila De Carvalho e Gonçalves
in memoriam

A VIDA VALENDO | ADRIANE GARCIA

PARA LEILA DE CARVALHO E GONÇALVES, IN MEMORIAM

Um livro no centro da mesa
No centro de um dia ruim
Chovia, relampeava
Os trovões estouravam
Vísceras
(coração)

Os pés se encharcavam
De neve
Úmida e imaginária
E a roupa pegajosa pedia
Outra pele

Viver era um incômodo
Molhado
O sol se escondia
Queimando
As vozes de todos
Gralhavam

Um livro no centro da mesa
E duas mãos
Se aqueciam
No ponto
De esquecer.

VAREJO E ATACADO | ADRIANE GARCIA

Planto roseiras
Gosto de rosas
Porque uma rosa é uma rosa é uma rosa
Comecei com uma e
Passei para meia dúzia:
Tocava suas folhas
Não me machucava nos espinhos
Apreciava o caule verde
O cálice sépala
De oferenda
As pétalas
Pálpebras
Que se abriam para a luz
Anteras repletas de
Pólen
Abelha
Eu me demorava nas rosas
Sentia o cheiro delas
(era um jardim com pequenos e
controláveis insetos)

Mas vi grandes produtores
Passei a sonhar em ser
Uma grande produtora
Também
Fornecer caixas e mais caixas
De rosas
Ao mercado
Eu pensava em viver
E fazer viver
Da beleza das rosas

Quando tinha sessenta roseiras
A coisa foi ficando complicada
Eu ainda não era uma grande
Produtora
E já não podia mais tocá-las
Uma a uma
Exceto para encaixotá-las
As pessoas diziam gostar
De minhas rosas

Foi quando tive que aumentar a
Produção
Para seiscentos pés de roseira
Uma loucura
Pedidos e mais pedidos
Sem nunca me tornar uma grande
Produtora

Mas já havia pragas
Eu não fazia mais nada a
Não ser
Encaixotar
Minhas rosas
(a esta altura já nem sentia mais o cheiro)

Passei a ter sonhos recorrentes
Eu presa em uma caixa
Precisando sair
Desejando alcançar as roseiras
Tentando estalar um galho
Muda
Para começar do zero
Meu velho diminuto jardim.



Adriane Garcia, poeta, nascida e residente em Belo Horizonte. Publicou Fábulas para adulto perder o sono (Prêmio Paraná de Literatura 2013, ed. Biblioteca do Paraná), O nome do mundo (ed. Armazém da Cultura, 2014), Só, com peixes (ed. Confraria do Vento, 2015), Embrulhado para viagem (col. Leve um Livro, 2016), Garrafas ao mar (ed. Penalux, 2018), Arraial do Curral del Rei – a desmemória dos bois (ed. Conceito Editorial, 2019), Eva-proto-poeta, ed. Caos & Letras, 2020, Estive no fim do mundo e lembrei de você (Editora Peirópolis) e A Bandeja de Salomé (Caos e Letras, 2023)



LUTANDO PELA IGUALDADE: O ENCONTRO DO FEMINISMO COM AS LUTAS DAS MULHERES INDÍGENAS| INGRID SATERÉ MAWÉ

No contínuo combate pela igualdade, o feminismo tem estado na vanguarda, lutando pelos direitos e empoderamento das mulheres ao redor do mundo. No entanto, à medida que mergulhamos nas complexidades da interseccionalidade, torna-se cada vez mais importante reconhecer os desafios únicos enfrentados por grupos marginalizados dentro do movimento feminista. Um desses pontos de encontro é a interseção entre o feminismo e as batalhas travadas pelas mulheres indígenas. Essas mulheres, muitas vezes enfrentando múltiplas camadas de discriminação e marginalização, têm lutado por seus direitos, suas terras e sua cultura há séculos. Suas lutas destacam a necessidade de um feminismo mais inclusivo e interseccional, que reconheça e aborde os desafios específicos enfrentados pelas mulheres indígenas. Junte-se a nós para explorar as histórias poderosas dessas guerreiras, sua luta pela igualdade e o papel vital que desempenham na formação de um movimento feminista mais inclusivo. Juntos, podemos lutar por um mundo em que todas as mulheres sejam não apenas ouvidas, mas também celebradas em suas identidades e experiências únicas.

Introdução ao feminismo e aos direitos das mulheres indígenas

O feminismo é um movimento que busca a igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres. Ele tem como objetivo desafiar e combater as estruturas de poder patriarcal que perpetuam a opressão e a desigualdade de gênero. Ao longo dos anos, o feminismo tem evoluído e se ramificado em diferentes correntes, desde o feminismo liberal até o feminismo radical e o feminismo interseccional.

Enquanto isso, as mulheres indígenas têm enfrentado desafios únicos em sua luta por igualdade. Elas têm sido vítimas de colonização, desapropriação de terras, violência, discriminação cultural e marginalização sistêmica. Para muitas mulheres indígenas, a luta pelo feminismo não pode ser separada de sua luta por seus direitos indígenas e pela preservação de suas culturas.

A interseção entre o feminismo e os direitos das mulheres indígenas é complexa e multifacetada. Requer uma compreensão das experiências e perspectivas das mulheres indígenas, bem como uma análise crítica das estruturas de poder que perpetuam sua opressão. É importante reconhecer que o feminismo não pode ser uma luta única, mas deve ser inclusivo e abordar a interseccionalidade das opressões enfrentadas pelas mulheres indígenas.

Panorama histórico da intersecção entre o feminismo e as lutas das mulheres indígenas

A interseção entre o feminismo e as lutas das mulheres indígenas remonta a séculos atrás. Desde a colonização, as mulheres indígenas têm sido alvos de violência, exploração e desrespeito de seus direitos básicos. A violência sexual e a desvalorização de suas culturas têm sido uma realidade constante para muitas dessas mulheres.

No entanto, ao longo da história, as mulheres indígenas também se levantaram e resistiram. Elas têm sido líderes em suas comunidades, lutando pela preservação de suas tradições, idiomas e terras. Mulheres como Sônia Guajajara, ativista indígena reconhecida com uma das 100 pessoas mais influentes do mundo foi eleita como deputada federal pelo maior estado do Brasil que é SP hoje ela ocupa a cadeira de Ministra no Ministério dos Povos Indígenas, Rigoberta Menchú, uma ativista indígena guatemalteca que ganhou o Prêmio Nobel da Paz, e Winona LaDuke, uma ativista ambiental e indígena norte americana, Coca Ericka Ñanco primeira mapuche deputada na história de La Araucanía no Chile, têm sido vozes poderosas na luta pela igualdade e justiça.

Desafios atuais enfrentados pelas mulheres indígenas em sua luta pela igualdade

Apesar dos avanços conquistados ao longo dos anos, as mulheres indígenas ainda enfrentam desafios significativos em sua luta por igualdade. A violência contra as mulheres indígenas é alarmante, com altas taxas de agressão sexual, violência doméstica e abuso. Essa violência é frequentemente perpetrada por não indígenas e muitas vezes fica impune devido à falta de recursos e apoio adequados.

Além disso, as mulheres indígenas muitas vezes enfrentam obstáculos ao acesso à educação, à saúde e ao emprego. A falta de oportunidades e o preconceito sistemático dificultam sua capacidade de alcançar a igualdade econômica e social. É essencial que esses desafios sejam reconhecidos e abordados de forma holística e inclusiva.

Contribuições das mulheres indígenas para o movimento feminista

As mulheres indígenas têm desempenhado um papel fundamental no avanço do feminismo e na transformação do movimento. Suas vozes e perspectivas são essenciais para uma compreensão mais completa das questões de gênero e raça. Ao compartilhar suas experiências e liderar iniciativas de empoderamento, as mulheres indígenas estão desafiando as narrativas dominantes e redefinindo o que significa ser uma feminista.

Iniciativas e campanhas bem-sucedidas lideradas por mulheres indígenas

As mulheres indígenas têm liderado uma série de iniciativas e campanhas bem-sucedidas para defender seus direitos e melhorar suas condições de vida. Umas dessas iniciativas é a Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade e Mulherio das Letras Indígenas, que encontramos em todas as regiões do país. Os movimentos lutam pela soberania indígena, pelos direitos da terra e pela proteção ambiental. Além disso, as mulheres indígenas têm criado organizações locais e regionais para fornecer apoio e recursos às suas comunidades.

Interseccionalidade: compreendendo os desafios únicos enfrentados pelas mulheres indígenas

A interseccionalidade é um conceito fundamental para entender os desafios enfrentados pelas mulheres indígenas. Ela reconhece que a opressão enfrentada por essas mulheres não é apenas baseada em seu gênero, mas também é moldada por sua raça, cultura, classe e outras identidades.

A compreensão da interseccionalidade é essencial para um movimento feminista inclusivo e eficaz. Isso implica em reconhecer e abordar as diferentes formas de opressão enfrentadas pelas mulheres indígenas e garantir que suas vozes sejam ouvidas e valorizadas.

Promovendo inclusão e representação nos movimentos de mulheres

Para promover a inclusão e a representação das mulheres indígenas nos movimentos feministas, é necessário garantir que suas vozes sejam ouvidas e que sejam tomadas medidas concretas para abordar suas necessidades e preocupações específicas. Isso inclui a criação de espaços seguros e inclusivos, a promoção de liderança indígena e a incorporação da perspectiva indígena nas discussões e decisões do movimento feminista.

Apoio a organizações e iniciativas de direitos das mulheres indígenas

Apoiar organizações e iniciativas que trabalham pelos direitos das mulheres indígenas é uma forma tangível de se envolver e contribuir para a luta por igualdade. Isso pode ser feito por meio de doações, voluntariado ou apoio às campanhas e eventos dessas organizações. É importante lembrar que o apoio não deve ser apenas financeiro, mas também deve envolver ouvir e aprender com as mulheres indígenas e suas experiências.

O papel da educação e da conscientização na promoção da igualdade

A educação e a conscientização desempenham um papel crucial na promoção da igualdade para as mulheres indígenas. É necessário educar-se sobre as questões enfrentadas por essas mulheres, desafiar estereótipos e combater a ignorância e o preconceito. Além disso, é importante garantir que a história e as contribuições das mulheres indígenas sejam incluídas no currículo escolar e nas discussões sobre feminismo e direitos das mulheres.

O futuro do feminismo e as lutas das mulheres indígenas

O futuro do feminismo depende de uma abordagem inclusiva e interseccional que reconheça as lutas e contribuições das mulheres indígenas. À medida que avançamos, é essencial que as vozes das mulheres indígenas sejam ouvidas e valorizadas, e que suas necessidades e preocupações sejam abordadas de forma significativa. Somente através de uma luta unificada e solidária podemos alcançar a igualdade para todas as mulheres, independentemente de sua raça, cultura ou origem. Juntas, podemos construir um mundo em que todas as mulheres sejam verdadeiramente livres para serem quem são e viverem suas vidas com dignidade e respeito.



Ingrid Sateré Mawé - Mulher Indígena semente da ANMIGA. Feminista Comunitária, Defensora Direitos Humanos, Professora de Ciências Biológicas e Comunicadora e Colunista do @portal.desacato

Terezinha Malaquias

Banzo e afetos



Acordei hoje bem mais cedo do que eu gostaria, perdi o sono em algum lugar e não consegui encontrá- -lo no sofá da sala, onde me sentei para rezar e meditar. Esse é o meu ritual diário há muitos anos, mas principalmente na pandemia. Depois fiz abdominais e dancei um pouco, sem música, queria mesmo era acordar o meu corpo para o novo dia que amanheceu em mim.

Fui para a cozinha e fiz bolachinhas de polvilho inspiradas na receita da minha mãe, que aprendeu com a minha avó. Mamãe não me ensinou porque eu não quis aprender a fazê-las. Até então, nunca tinha me interessado, porque prefiro comer salgados a doces. Contudo, nesse ano atípico, eu fiz essa receita — que é passada há pelo menos três gerações de mulheres na minha família materna — pela segunda vez. Coloquei as bolachinhas no forno para assá-las e rapidamente o bom cheiro se espalhou pela casa toda, vindo da cozinha. O cheiro foi se intensificando e as lembranças começaram a bailar na minha cabeça e nos meus sentidos, com imagens lindas. Parecia até mesmo um filme.

Vi-me dançando outra vez ao som da música das minhas memórias: de criança, adolescente e mulher adulta. Todas elas eram vivas e muito reais, traziam a lembrança de comida feita em casa, com toda a família reunida, aqueles momentos em que as

crianças corriam, brincando, pulando e gritando pela casa, fazendo bagunça e enchendo-a de uma alegre energia. Era um cheiro de pertencimento, de lugar, de ser, de família. Cheiro ancestral que vinha de mulheres que sempre cozinharam para alimentar suas crias e seus maridos. Cheiro de gente feliz, que trazia no corpo e na alma o verbo esperançar. Cheiro de colo, cafuné e dengo, misturado a vários outros de comida; cheiro da minha gente.

Assei as bolachinhas e coloquei-as sobre a mesa da varanda para esfriar mais rápido. Depois, iria guardá-las na caixinha dos doces e ir comendo aos poucos, para durarem mais tempo. Sorri para mim mesma quando pensei na palavra 'guloseimas', mas rapidamente respondi para o meu pensamento: "não, não são!". As bolachinhas feitas por mim nessa manhã sem sol, no inverno alemão, foram a maneira que eu encontrei para dialogar com a saudade e adoçar o meu coração.

Ao final do dia, lá pelas 16h, sentei-me sozinha com meus pensamentos, novamente no sofá da sala, para o meu café da tarde. Sobre a mesa baixa, uma xícara com café sem açúcar e leite de aveia e um vaso de cerâmica bege, mesclando claro e escuro com rosas coloridas. E, no prato, três bolachinhas. Três mulheres negras. A avó, a mãe e a filha.



.

Terezinha Malaquias (@terezinhamalaquias) vive em Freiburg, na Alemanha,desde 2008. É artista da palavra. Terezinha escreve, compõe, trabalha com vídeo e com performance, transitando com leveza entre as mais diferentes linguagens da arte, explorando temas como: ancestralidade, memória, afeto, silêncio, contemplação, racismo, mulheres e violência. É autora de oito livros, escrevendo tanto para o público infantil quanto para adultos. Trabalha em uma das galerias do centro cultural E-werk Freiburg. Mantém o canal do YouTube - TereMalaquias - onde divulga suas experimentações artísticas.

isabela penov

do dilúvio entre tuas coxas



Saída do mar – ela
é uma parte do mar
que caminha até mim

Saída do mar – ela
uma mulher tão pouco minha
assim irmanada com a imensidão
à vontade no labirinto, rindo
oceânica – ela
(e o seu riso é a própria voz dos peixes
e das anêmonas de cores irreais)

Saída do mar – ela irrompe
como quem rompe
uma bolsa das águas

Ela nasce
e traz na boca um sol fervendo para a minha boca
um sol estalando na sua língua lenta
e escorrendo entre os nossos peitos colados
quando puxo de lado as cortininhas do biquíni

Meus peitos nos peitos dela:
a areia é vidro, o sol é perto,
o sal é pouco, o mar é lava

é úmido o deserto

BANQUETE | ISABELA PENOV

Esta noite vou te dar
de comer
um poema
entre minhas pernas

Linhas úmidas
mornas sílabas
cálidas lambidas
na carne
entre as costelas

UNIVERSAL | ISABELA PENOV

O que você talvez não imagine
é que a palavra
fornicação
sempre deixa molhadinha
a bucetinha da beata
da Igreja Universal

Apesar de tão jovem
a mocinha já sabe vociferar

E enquanto berra
contra putas, adúlteras e pederastas
sua casta xoxota
(hashtag euescolhiesperar)
molha a calcinha

estampada de margaridas

a ponto de escorrer entre as pernas

o asqueroso

e

doce

mel

do

seu

pecado

Depois, de madrugada,

ela tem sonhos muito impróprios

com cenas de uma, digamos

Universal fornicação

Com o pastor Ramos, a pastora Flávia,

o pastor Vladimir e claro

sua adorável esposa que

tem um rabo que meu deus

tem um rabo que

abriria para sempre as portas do céu

e colocaria abaixo

cada

uma

das douradas colunas

do inigualável

e abençoado

Templo de Salomão



Isabela Penov nasceu em São Paulo em 1986. É formada em Arte - Teatro pela UNESP e cursa pós-graduação em Literatura, Arte e Filosofia pela PUC-RS. Também é formada em Interpretação Teatral e Fotografia. Há mais de 10 anos atua como professora de Artes e de Teatro na rede pública e particular de São Paulo. Publicou os livros Aves Marias (ou A Revoada), Editora Patuá, 2018 e Compêndio para Moças de Olhos Lânguidos, Ed. Urutau, 2022, realizado com o apoio do Rumos Itaú Cultural. Seu último livro é "Do Dilúvio Entre Tuas Coxas" (Oia Editora, 2023) premiado com o apoio do PROAC - Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo.

PERSPECTIVA | KATYUSCIA CARVALHO

Emprestar um olho
à primeira terceira pessoa que passa

Tomá-lo de volta

E ir se olhar ao espelho

E nós
escorraçando as pedrapedrocabralinas do corpo
ainda

Que dure como o vinho,
desde que se bastem a si mesmas
as uvas no inverno

Fui pensada para não suportar
o mundo em lugar algum
do corpo

Asa de traça

Palavras batendo sem parar
no peito de Nietzsche

Não me encontrarás aqui,
onde trovões não são bem-vindos

Meu corpo histérico como uma mulher do século XXI sentindo as dores das pacientes de Freud

Vou me evadir de cada voz que nada vê
enxugar da parede a chuva no rosto



Katyuscia Carvalho - nasceu no interior de Pernambuco, com as águas de março de 1977. Graduou-se em Letras. Lecionou intensamente enquanto viveu no Brasil. Emigrou por amor.

Tem poemas, traduções e ensaios publicados em revistas literárias de um lado e outro do Atlântico. Participou das antologias Blasfêmeas: mulheres de palavras, pela Editora Casa Verde; Porremas , pela Mórula Editorial, e Liberoamericanas, pela Libero Editorial. Seu primeiro livro de poemas, Vermelho Rupestre, foi publicado em 2015 pela Editora Patuá, que também está editando o segundo: De Atlântica Cor.

Escreve porque não sabe cantar.

Estes que têm futuro bastante

Juliana Meira

editora BESTIÁRIO

JULIANA MEIRA

era início do ano e o mundo
estava terminando em tese

na volta da farmácia
eu disse um até sem graça
enquanto beijava
teus olhos mornos pela febre

JULIANA MEIRA

as luzes nesta escada
que range os dentes mas cuja lábia
disfarça bem o irônico adeus da ascensorista
a ecoar daquela panorâmica vista disposta a esmiuçar
os que dão conta de muito feito ela mesma feito eu e você

sinto dizer amor
alguma coisa aqui me fará correr

JULIANA MEIRA

este andar que a contraluz desenvolve
como se fôssemos de outra ordem de outra espécie

este sol que por detrás dos prédios corre
e não toma fôlego e não perde



Juliana Meira nasceu em 1981, no interior do Rio Grande do Sul, em Carazinho. Hoje vive entre Canela/RS e Brasília/DF. Tem publicados, entre outros, “poema pássaro” (Patuá, 2015), “na língua da manhã silêncio e sal” (Modelo de Nuvem/Belas Letras, 2017), livro vencedor do Prêmio Minuano de Literatura na categoria Poesia no ano de 2018, e “água dura” (Artes & Ecos, 2019). Participa das antologias “Blasfêmeas: Mulheres de Palavra” (org. Marilia Kubota e Rita Bittencourt, Casa Verde, 2016), “Treze Mulheres e Um Verão” (org. Bárbara Lia, Feito no Ato/Psappha, 2018) e “As Mulheres Poetas na Literatura Brasileira” (org. Rubens Jardim, Arribaçã Editora, 2021). Integra o livro eletrônico “Próxima estação: poesia” (org. Élvio Vargas, Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul, 2022). Os poemas acima são do livro Estes que têm futuro bastante (Editora Bestiário, 2023)



Hannah Höch - Duft

ENQUANTO | DANIELLA GUIMARÃES DE ARAÚJO

espero um dia bom
como quem aguarda voltar da balada a filha
ou da memória o amor perdido
um dia bom:
mesa farta e
campo sem veneno
uma noite bem dormida
as águas limpas
os montes intocados
o salário esticado
até o próximo
e a gente
sob o mesmo céu
alternando trabalho

e dança

eu espero

como quem aguarda

o fim da guerra

o desfecho da doença

o desmonte da maldade

ESCOLHA | DANIELLA GUIMARÃES DE ARAÚJO

eles dizem palavras rudes como fuzil , duelo , fome
eu direi estima , coragem , pão .
preciso desesperadamente do que aquece
casaco , braço, lamparina, livro
casa, trabalho, lã
um fio que seja daquilo que não me mata
pra iniciar a manhã

INEXORÁVEL | DANIELLA GUIMARÃES DE ARAÚJO

nunca mais encontrei maçãs na seda azul

enquanto se dá uma
volta no quarteirão

muda-se para sempre o invólucro das maçãs

o bom dia do jornaleiro desaparece
o entregador de pão não sobe a escada
às 6

você não encontra amoras
sem substância estranha ao paladar
ou sua mãe no alpendre molhando velhos antúrios

inexorável perder
parte da beleza

lembre-se

enquanto se dá
uma volta no quarteirão



Daniella Guimarães de Araújo, natural de Leopoldina MG, atualmente vive em Sete Lagoas. Publicou: Conto de um amor intermitente em 2017; (In)visibilidades, em 2019 e A casa não é das mulheres, a rua não é dos homens, recentemente em 2022 pela Editora Patuá .


EMMA REYES
47

GUARDEI AS GARRAS | REGINA CARVALHO

Guardei as garras e as presas

Na gaveta da cristaleira

E saí de casa

Apenas com a pele

Os olhos

e uma pitada de malícia

O mundo é vasto

Os telhados tantos

O canto dos felinos tão diversos

Encontrei alguns iguais

Reconhecemo-nos pelo cheiro...

Um grito de criança rasga a escuridão...

“o horror o horror o horror...”

Somos tantos e tão poucos...

O mundo é tão estreito

E a noite cheia de beleza e horror...

Eu não deveria ter saído sem as garras.

FELICIDADE OCULTA | REGINA CARVALHO

A felicidade oculta

Teia mágica de luz

Velho elo de família

Encontrado e reencontrado

Reencarnado verbo

Na carne que sente a presença destes entes

De antes e depois da vida

Definitivamente

Imãs do inesperado

Em sacadas

E supermercados...

Estou nesta cadeira

Rabiscando com tinta preta

Sobre as mercadorias deste armazém

Sem esperar absolutamente nada

De ninguém

VELHA PASSARINHEIRA | REGINA CARVALHO

Velha passarinheira

Velha cachimbeira

Velha rabujenta e nua

Na base da velha

Cruz do patrão

Lambe-lhe o mar

Come-lhe a areia

A velha, velha passarinheira

Coração pedra de vulcão

Enquanto o corpo se desfaz

Tornando-se parte do chão

O coração fornalha ardente

Dilui-se no ar incandescente

Inocentemente grão



Atuante desde 1981, a artista plástica e arte-educadora **Regina Carvalh**o é graduada em Artes Plásticas pela UFPE com especialização em arte-educação, participou de três salões ,quatro exposições individuais e inúmeras coletivas, fez parte da Brigada Henfil que pintava murais para o PT , nos fins da década de 80. O corpo de sua obra se desenvolve em cima de técnicas de desenho, poesia, pintura, colagem, gravura e livros de artista. Ela pensa um campo pictórico de convivência entre texto e imagem. Tem 9 livros publicados, sendo um de desenho e oito de poesia. Além disso também é ilustradora científica, fazendo parte do laboratório de morfotaxonomia do CCB - UFPE desde 2008, tendo desenhos publicados em inúmeros artigos no Brasil e exterior e em capítulos dos livros: A Flora de Mirandiba, A Flora de Sergipe I e II. Instagram: regina.carvalho.3517

e deus não acudiu ninguém



Conceição Rodrigues



Conceição Rodrigues
e deus não acudiu ninguém



A janela de madeira branca aberta. o ar precisava de espaço para invadir as coisas. foi só um quebrar d´água por debaixo do corpo para o peito de terra crescer com arrepio. a água morna escorregou. engoliu tudo no túnel de sal e maresia. dissolvendo os arrecifes como se fossem feitos de açúcar. Precisaríamos abafar os soluços. tive de tapar a boca dele quando gemeu. o cavanhaque por um momento fez cócegas na palma de minha mão. ri na alma. sussurrei dentro do ouvido dele. ensinando como se faz. para enfim a primavera esbranquiçada.

Alice abriu os olhos. Recolhi os cabelos castanhos dela do chão. o jeito é raspar a cabeça depois. Os olhos afundados nas olheiras roxas. os ossos triangulares das maçãs do rosto saltavam da cara minúscula. mimosa. uma beleza de gente tísica aquela. perdida dentro das camisolas e das cambraias. o silêncio bruto respingado por ânsias e escarros. a Senhora Morte instalada. reinando como fazem os patrões: certamente. a força do morrer é o maior espetáculo da natureza. aquela mulher declarou. muito mais indelével que a vida. me espantei. não pude externar. então ficou tudo vagando no equívoco de uma reflexão incompleta. A Morte definitiva. a única. quem sabe. não creio. pelo menos até o final da decomposição. que é gloriosa. afirmaram os microrganismos. eu disse a Alice que tudo passaria. tudo vai passar. querida. é só o tempo de suas células bêbadas se multiplicarem para serem devastadas pelos coquetéis de Nagasaki. flores e ossos nos campos desconcentrados. o sangue correndo de pétalas. resto de respiro e seringas. morfina e mundos alheios.

Alice tinha a delicadeza de só vomitar no dia seguinte às sessões, pus o aparador, lavei seu rosto, sequei com a mesma toalha branca com o nome dela e um ramo de flores lilases que mandei bordar. É uma montanha russa, ela me confessou, daí as luzes coloridas, alegria de esganar, na antessala do estranho paraíso, e eu achando que era só doença do peito.

Chorei enquanto recolhia os poucos fios do chão, varri, destampei a lixeira de pedal e joguei dentro os cabelos, mostrei o espelho, ela se maquiou e pôs o turbante, olhou bem no meu olhar e eu me vi no cinza opaco espelho dela, tive vergonha de minha saúde. Tive vontade de dizer você viverá, querida. Você viverá, querida, eu disse, pus as mãos nos ombros que pareciam não suportar qualquer afago, retirei dela com rapidez as mãos que iam fazer um carinho, se ela se desfizesse, seria minha alegria dolorosa? Eu não acredito que viverá, silenciei com a boca. Não consegui apagar a verdade de minha expressão.

Ele olhou minhas coxas como um cachorro olha para um bife, abracei envolvendo o pescoço dele, ela ficará bem, tenho certeza. Depois beijei Alice na testa, deixei a sala à meia luz, cuidei de fechar a porta sem fazer barulho, enquanto me orgulhava diante dele de meus hormônios, de meu corpo pulsante, do meu sangue fervente no azeite.

Se eu tivesse um estilete bem amolado, que não este de ferrugem, ofereceria: corta os pulsos, você não combina com primavera alguma, talvez sirva para o pasto. Eu disse tenha piedade de si, com minhas feições rosadas e unhas longas, com meu cabelo cheio e ondulado. A mágoa de Alice foi ao vazio e voltou à sua figura esquálida, silenciamos até o final da tarde.

Dia seguinte e eu cedo estava lá, a mesa posta, coloquei o café da manhã do marido dela, e um vaso transparente e fino com dois gerânios se refrescando na água límpida. O barulho do óleo que fritava, o cheiro do perfume entre meus seios, tenho certeza que ele sentiu quando o servi. Alice não conseguiu descer, minutos depois confirmei o respirar pausado colocando meu dedo embaixo de suas narinas. Estará bem, meu anjo. Ouvi os passos de músculos e gravidade do marido subindo a escada, ela acordou? Ainda não. Vou ficar por aqui. Abrimos a janela e as cortinas claras, vimos as ondas deitando na areia e a luz resplandeceu no rosto de Alice.



Conceição Rodrigues nasceu em Arcoverde, portal do sertão pernambucano, mas viveu a maior parte do tempo em Recife, onde mora até hoje. É graduada em Letras e tem especialização em Literatura. Leciona na rede pública de ensino. Recebeu menção honrosa no III Prêmio Pernambuco de Literatura com o livro de contos "Corda para nós", e no IV Prêmio Pernambuco de Literatura recebeu menção honrosa com o romance "323". Trabalhou como assistente de Raimundo Carrero na Oficina de Criação Literária- UBE. Organiza e participa de antologias. Faz assessoria em produção textual em diversos gêneros e áreas. Publicou em 2020 "Molhada até os ossos" e "Os dedos das santas costumam faiscar", livros de poemas, pela Editora Patuá. Seu próximo lançamento é "e deus não acudiu ningém" E-mail: cecitha7777@gmail.com

NA ESCURIDÃO NÃO EXISTE COR-DE-ROSA
CINTHIA KRIEMLER

Quando eu era pequena, eu queria ser bruxa. Bruxas não usam cor-de-rosa. Nem são loiras. Eu não conheço bruxas loiras. Só conheço fadas. Castelos. Sonhos. Varinha de condão. Sapatos número 35 — vá lá, 36 nos dias de calor —; manequim 34. Gestos delicados. Passos de gata no cio. Ou de gazela, ou de garça. Esses bichos dissimulados. Cabelos loiros. Loiro Ultraclaro 90. Koleston. Nem cachos, nem ondas. Liso europeu. Fadas são europeias. Olhos azuis bem claros. Da cor do mar de Aruba. Que não é na Europa. O mar das bruxas não é azul. É escuro. De tempestades e naufrágios. Mar Negro. Afunda cinco navios de uma vez. Carrega tudo para as águas de baixo. Embaixo d'água não tem fada. Fadas não podem molhar o cabelo. As bruxas podem. Bruxas têm cabelos de anêmona. E se grudam nas rochas do fundo do mar. E afundam navios. Cinco de uma vez. Para brincar de contar os corpos inchados dos afogados e os pedaços de barcos e lemes e adriças e quilhas e estais e gaiutas e birutas. Birutas são as fadas. Mornas como as correntes do Golfo. Bruxas são geladas. Como as correntes de Humboldt. Cheias de plânctons, de peixes. Ou quentes pela chegada afrodisíaca de El Niño. Eu queria ser bruxa. Quando era pequena. Vassoura, caldeirão, poções de magia, chapéu de ponta. A carruagem das fadas não é segura. Ela rola no precipício. No precipício

das bruxas. Onde moram as cobras, os lagartos, os sapos que nunca viram príncipes. E os corvos, essas criaturas dadas às carnes mortas. Que só comem quando sentem fome. Que limpam a sujeira que não fazem. Limpam, limpam, limpam. Para que as fadas pisem terra sem restos. Para que as fadas não cheirem a podridão da morte. Mas as fadas insistem em preferir os passarinhos. E os dias de sol. E os meninos e meninas com juízo. E os homens bonitos. E o pagamento em euros. Ou libras. Cotação em alta. E tudo cor-de-rosa. As unhas, as bochechas, o pôr do sol, a vulva, a moldura do espelho. Bruxas não gostam de luz. Nem de reflexos. Por causa das verrugas que têm no nariz. Que afastam os meninos e meninas cheios de juízo. E os homens bonitos. Bruxas só gostam da noite. Entranhada dos sons das criaturas invisíveis. E da igualdade mais estranha. Na escuridão não existe cor-de-rosa. Nem fadas. Porque as fadas dormem com as galinhas para ter a pele mais bonita. Eu queria ser bruxa. Desde pequena. E de tanto gritar para a boca da noite, ela me respondeu: Your wish is my command!



Cinthia Kriemler é carioca e mora em Brasília. Autora, pela Editora Patuá, de O sêmen do rinoceronte branco (Contos, 2020). Tudo que morde pede socorro (Romance, 2019); Exercício de leitura de mulheres loucas (Poesia, 2018); Todos os abismos convidam para um mergulho (Romance, 2017) – finalista do Prêmio São Paulo de Literatura de 2018; Na escuridão não existe cor-de-rosa (Contos, 2015) – semifinalista do Prêmio Oceanos 2016; Sob os escombros (Contos, 2014); e Do todo que me cerca (Crônicas, 2012). Organizou a antologia de contos Novena para pecar em paz a convite da Editora Penalux, em 2017. Tem textos e poemas publicados em diversas antologias e em revistas literárias. O romance Viúvas de Sal (Editora Patuá, 2023) está disponível para pré-venda no site da editora.

FABÍOLA MAZZINI LEONE

Ela tem um olhar de pessoa tantas vezes morta
Acrescento a isso as mãos incertas
De quem meteu a cara nos muros
De quem quase perdeu a perna no pau-de-arara
De quem conhece as noites definitivas
Mas, de vez em quando, abre um livro
O ar reteso, como uma escafandrista ou clériga
E volta a ter nome
Volta a ir com os rios, uma aventura maior que a de Crusoé
O livro lhe come o medo, o vácuo do relógio cuco,
a náusea do mundo
Faz esquecer a inveja da colega de quarto que tem visita dos filhos
e coque e vontade de viver
O livro a salva do pesadelo recorrente: pisar na estação justo
na hora em que o trem parte

Devolve a mulher rebelde, que fazia barricadas
 e não pãezinhos açucarados
Devolve o chão de terra e castanheiras, o apartamento vendido
por falta de grana
Traz o filho, de outro país, os amores, de outros braços,
como qualquer cartomante eficaz
O livro lhe devolve a criança que os irmãos chamavam de louca
Por passar os dias imitando avião, a arte de oferecer a vida
Onde ela é reles, átona



Fabíola Mazzini nasceu em Vitória-ES. Publica poemas no Facebook, revistas e coletâneas. Seu livro "Rotina dos Ossos" foi premiado com o 1º lugar em concurso da Secult-ES em 2018

MEIO SÉCULO | GERMANA ACCIOLY

Na ponta dos dedos desenho palavras, contornos palpáveis para meus pensamentos voláteis, desalinhados, aleatórios. Os dias densos, turvos e por vezes intragáveis ganham um certo frescor, tons pastéis, quando relatados. O caminho entre os neurônios e o teclado é fluido.

Outro dia, conversando com meu filho, falei sobre a importância de não colocar o carro na frente dos bois. De esperar o tempo ser cumprido, mesmo quando é espichado. O tempo das coisas. Falei que antes de olhar à frente, é preciso olhar a paisagem no caminho, que olhar pra trás ajuda a ver o quando já caminhamos. O horizonte perene é necessário. Os pés no chão, fundamental.

Tento introjetar este conceito de "meia idade". Me olho no espelho e a falta de colágeno na pele começa a denunciar as décadas vividas. Intensamente vividas. Custo a entender este descompasso entre corpo e mente. Uma pitada de pressão cultural. Uma mulher de quase 50 anos. As novas linhas do rosto, os fios vermelhos que correm nas pernas, um olhar talvez mais plácido.

MEIO SÉCULO | GERMANA ACCIOLY

Vejo o meu corpo respondendo diferente. Penso na menopausa que não deve tardar. Por que espero? Pelo que temo? Os rótulos que busco apagar me perseguem. São manchas de DNA ancestral na minha pele. Esta, aliás, pede mais cuidados. Respeito meu metabolismo físico e emocional. Quero colecionar história e memória. Reminiscências da infância, toalhas rendadas coloridas, doce de leite coalhado, guizados de panela de barro no fundo do quintal. Guardo bilhetes imaginários, fotografias nunca reveladas, mapas de mim. Banhos de mar na praia do Futuro, carnaval nas matinês, passeios no parque 13 de maio, sorvete de pitanga e tapioca da Bacana.

Eu sei, eu sei. A gente fantasia. Despigmenta e colore a vida.

O futuro, o ano que entra, o novo amor. A gente idealiza o próximo emprego, as férias que vem, a ideia de felicidade. E os castelos se movem, até cair.

Meio século, tempo inteiro. Uma inauguração constante de mim, cabendo cada vez mais no caminho traçado. São bodas de ouro com a vida. Um casamento com tudo a que tenho direito.



Germana Accioly é escritora e jornalista. Publicou "Não é sobre você" (Selo Mirada, 2021). Escreve no blog Perder de Vista.

ZOË NAIMAN ROZENBAUM

E EU TE MATEI BEM AQUI



LARANJA ORIGINAL

TRECHOS DO LIVRO "E EU TE MATEI BEM AQUI", DE ZOË NAIMAN ROZENBAUM

V

tenho medo de quebrar minhas asas recém-criadas
quando alçar vôo
ao teu encontro

e se eu cair
e não conseguir mais voar?

o que vai ser de mim?

VII

E se um dia a virem vagando pelo deserto, saibam quem fui. Que já fui ela, essa mulher rasgada, extorquida, crua, deserdada de seu próprio mundo. Se um dia a virem vagando pelo deserto com suas asas cortadas, os pés sangrando, pele assada e a garganta inflamada, saibam que essa mulher um dia fui eu.

VIII

(...)

que você me matasse de paixão
de reação alérgica
asfixia, obsessão
desse amor louco
meu orlando furioso

que você enfiasse o cano na minha goela
e atirasse
eu gostava
eu iria gostar

eu pedia pra você atirar
mas você nunca atirava
só ameaçava me matar.



Zoë Naiman Rozenbaum (São Paulo, 1997) é escritora, pesquisadora e atriz em formação. Cientista social graduada pela Universidade de São Paulo, escreveu e publicou de forma independente seu primeiro livro de poesia Mergulho em Apneia (2021). Atualmente, vive na França, onde estuda arte dramática no Conservatório Darius Milhaud Paris XIV. E eu te matei bem aqui (2023), publicado pela Editora Laranja Original, é seu segundo livro.

breve ato de descascar laranjas

bianca monteiro garcia



7 LETRAS

acordo com 25 anos e olheiras salgadas
preciso logo-logo mexer nas pastas
as máquinas me perguntam
- tua data de nascimento
- o nome do pai
- o nome da mãe
- os três primeiros dígitos do cpf

as máquinas me questionam sem pudor

eu lembro, pai
durante os almoços de sábado
das nossas conversas atravessando o som
do rádio
de como as mexericas são
pequeninas
de como as tangerinas são
grandonas
perto de ti eu era eterna
criança

que dormia com as mãos cruzadas no peito
e pedia a um deus qualquer que fizesse do pai
um guerreiro imortal
como highlander
mas sem morte no final
oh dear dad can you see me now?
i am myself like you somehow



Bianca Monteiro Garcia é editora da Macabéa Edições e da Taioba Publicações, formada em Letras e especialista em Literatura Brasileira pela UERJ. É também revisora e professora. Coministröu a oficina "Literatura e loucura: Maura Lopes Cançado, Lima Barreto e Stella do Patrocínio", na Coart/UERJ. Pesquisadora independente de poesia contemporânea escrita por mulheres, tem poemas publicados em revistas e plataformas digitais. breve ato de descascar laranjas é seu livro de estreia.

LOVELY RITA | TACIANA OLIVEIRA

Para saciar a dor imponderável
articulo notas dissonantes

O rock and roll sempre me despiu da culpa

E não era apenas eu
a evocar bruxas,
a debochar da inquisição

Éramos jovens e felinas
bailando com ela na nave mãe
Santa e mutante,
Bandido corazón

E embora o relógio
decrete a hora da partida
millhões de ovelhas cantarão:
Toda mulher quer ser amada
Toda mulher é meio Rita Lee

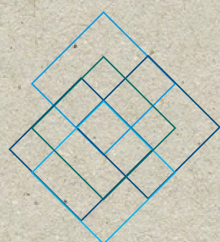
Citação da música "*Todas as mulheres do mundo*" (Rita Lee e Roberto de Carvalho)



Taciana Oliveira é natural de Recife (PE). Bacharel em Comunicação Social (Rádio e TV) com Pós-Graduação em Cinema e Linguagem Audiovisual. Roteirista, atua em direção e produção cinematográfica, criadora das revistas digitais Laudelinas e Mirada, e do Selo Editorial Mirada. Dirigiu o documentário "Clarice Lispector - A Descoberta do Mundo" Tem no prelo Coisa Perdida, livro de poemas.



WWW.MIRADAJANELA.COM
MIRADAJANELACULTURAL@GMAIL.COM


MIRADA